

MESA-REDONDA  
PASSADO, PRESENTE E FUTURO:  
OS DESAFIOS DA LEITURA PÚBLICA EM PORTUGAL

“Um País, uma cidade que não acarinha, que não cuida das suas bibliotecas, é uma Democracia sem abrigo.”

Henrique Barreto Nunes



Foi com particular prazer que assisti à mesa-redonda “Passado, Presente e Futuro: os desafios da leitura pública em Portugal”, com bibliotecários de excelência (Manuela Barreto Nunes, Maria João Sampaio, Maria José Moura e Henrique Barreto Nunes) no dia 6 de Dezembro de 2012, uma actividade incluída no “V Encontro de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares”, realizado na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco e incorporada no âmbito das comemorações do centenário da mesma. E mais satisfeito ainda fiquei por ter escutado uma ideia comum a estes bibliotecários de excelência: o papel das bibliotecas públicas na comunidade em que estão inseridas através do fundo local, o qual é gerador de cidadania, promotor da inclusão e de exclusão social; e, paralelamente, ao que ouvi, o Fundo Local como memória e desenvolvimento, o Fundo Local deve ter um papel predominante na investigação para a promoção da identidade, num plano não só local, mas igualmente regional e nacional, por um lado, e internacional, por outro lado. Fica aqui o desafio para a promoção, e a urgência, de um encontro nacional de fundos locais existentes na rede de leitura pública, para se defender a fantástica ideia lançada por Henrique Barreto Nunes em 1988, precisamente em Vila Nova de Famalicão e nas comemorações dos 75 anos da Biblioteca, a ideia do depósito legal local. Passada que está a euforia inicial da Rede de Leitura Pública, o que se escudou foi a redefinição do papel das bibliotecas públicas no legado humanista do Manifesto português de 1983 e do da UNESCO de 1985, nomeadamente no seu papel social. E se, de facto, a República assumiu a leitura pública, fracos foram os investimentos. Neste caso, o exemplo de Vila Nova de Famalicão perante a fundação da sua Biblioteca, em 1913, ela nasceu não de fundos governamentais, mas pelo civismo da comunidade que, diga-se, entre republicanos e monárquicos, e de outros cidadãos, doaram não só livros como dinheiro, assim como material para a sua fundação.

A moderar a mesa, e na apresentação dos respectivos bibliotecários, esteve Maria João Sampaio, que salientou que o projecto cultural da Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco que continua com “uma maior dinâmica e dimensão, que faz com que Famalicão seja um município exemplar ao nível do desenvolvimento da educação e das políticas culturais”. Partilho o resumo dos intervenientes.



## MARIA JOSÉ MOURA

Cem anos de uma Biblioteca é uma coisa fantástica! Só espero que os cem anos que aí vêm sejam para a Biblioteca de Famalicão tão bons, tão produtivos, tão favoráveis para os munícipes e para os seus utilizadores como foram os primeiros cem.

O que andámos a fazer nestes últimos 20/30 anos foi a tentar “vender” uma ideia sobre o que é uma Biblioteca, de como era importante a existência das Bibliotecas Públicas. Hoje temos, felizmente, as Bibliotecas Escolares a proliferarem-se e a desenvolverem-se pelo País, com uma parceria com as Bibliotecas Públicas que é fundamental, sendo a única maneira de podermos tirar partido da dificuldade e da falta de recursos, que cada vez mais nos vai preocupar e inquietar. Através da Associação Portuguesa de Bibliotecários tenho contacto com tudo o que tem a ver com as Bibliotecas e vejo com muita preocupação o que se está a passar. Temos que nos preparar porque temos há nossa frente uma fase muito difícil nas nossas vidas como profissionais e nós temos a obrigação de debatermos até ao imite das nossas forças sem perder a qualidade dos nossos serviços, pensando nos nossos utilizadores, leitores, e trabalhar em conjunto para que alguma coisa se consiga realmente fazer frente às dificuldades, e temos que retomar o optimismo.

Hoje as bibliotecas estão muito diferentes. A Biblioteca ou acompanha os tempos, a evolução do que é ou o que são as comunidades, o que é a vida social, e a vida social no seu conjunto, ou então, evidentemente, vai dar razão àqueles que acham que as

Bibliotecas são uma velharia e que vão praticamente desaparecer. Não estou nada de acordo com isso. A Biblioteca tem que evoluir, tem que acompanhar os tempos e se possível antecipar as novas funções para que foi criada, como serviço público, e nós fazemos questão de dizer que as Bibliotecas são um serviço público. A Biblioteca ou evolui para um outro patamar e é vista de outra maneira e cria serviços e oportunidades diferentes do que era quando este projecto começou.

Quando começamos este projecto havia a Gulbenkian, as bibliotecas fixas e itinerantes de Bibliotecas, tão importantíssima neste País, existindo a falta de infra-estruturas, falta de locais onde realmente as pessoas pudessem exercer o seu direito, o direito a serem leitores. Só que as coisas evoluíram muitíssimas. Hoje, para já, o livro é importante, o livro não vai desaparecer, pode alterar-se muitas coisas e, sobretudo, em alguma literatura, sobretudo cientificamente, e as Bibliotecas vão ser tributárias das novas tecnologias e aqui os profissionais têm de estar preparados também para formar os nossos leitores; mas, mesmo assim, o livro em si como o conhecemos vai continuar, o livro não vai desaparecer assim com tanta facilidade, aliás, cada vez há mais livros. As bibliotecas emprestam cada vez menos livros, é verdade, não nos deve preocupar ou alarmar: agora temos é que nos preparar e encontrar nas Bibliotecas a sua nova função. A Biblioteca (sejam as públicas ou as escolares) não é só o local onde se vai ler ou onde se empresta livros. Hoje, o conhecimento, a informação de leitores é feita de forma multiforme, e aqui temos que estar atentos: é preciso pensar que as Bibliotecas não são só os locais de leitura, são locais de convivibilidade, de socialização, de troca de impressões, das actividades mais diversas. Tem que haver uma evolução, não pode ser um *gueto*, algo que fica ali de lado. Não podemos instituir um figurino para hoje que tem a ver para as novas gerações, usando as Bibliotecas de maneira muito diferente e é nesta geração que temos de pensar, é para eles que temos de trabalhar.



## HENRIQUE BARRETO NUNES

### I – A Ligação a Vila Nova de Famalicão, livros e biblioteca

A Famalicão ligam-me, sobretudo, recordações de livros e de Bibliotecas. Em 1963 vim pela primeira vez à Casa de Camilo e fiquei com uma recordação muito leve dessa primeira visita e comecei a ler Camilo. Dez anos depois, noutras andanças, e sempre que vinha a Famalicão para ali à frente da Câmara Municipal e havia ali uma livraria chamada Livraria Júlio Brandão, onde se compravam livros que não havia noutros lugares, e encontrei este “Portugal Sem Salazar” e comprava aqui, na verdade, e por debaixo do balcão. No passado mês de Junho estive aqui numa missão de homenagem e de apresentação do livro a Ademar Ferreira dos Santos, que foi professor na Escola Camilo Castelo Branco e que esteve na origem destes encontros que reúnem os bibliotecários escolares, aqui em Famalicão.

Quanto às Bibliotecas, em 1968, numa iniciativa da Biblioteca Municipal, vim aqui com o Francisco Alves fazer uma palestra sobre “Salvamento de Bracara Augusta”, naquela fase em que era mais naverdade arqueólogo do que bibliotecário. Mas, para mim, uma data muito importante, por diversas razões, é 1983, quando a jovem bibliotecária Fernanda Ribeiro, que tinha feito serviço cívico na Biblioteca Pública de Braga, convidou-me para vir aqui falar sobre leitura pública, um conceito praticamente desconhecido em Portugal, para tentar sensibilizar o vereador da cultura de então. Foi a primeira vez que falei sobre Bibliotecas de Leitura Pública, foi em Famalicão. A partir daí nasceu a ideia do empréstimo nas Lameiras, estando aqui igualmente as raízes do projecto desta Biblioteca. Estive presente nos 75 anos da Biblioteca, nas comemorações dos 75 anos da Biblioteca sobre o tema do Fundo Local, “A Biblioteca e a Memória da Vida Local” e vi nascer esta Biblioteca, já que na altura colaborava com o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, recordando-me com muita ternura da Isabel Sousa porque na verdade foi ela a cabouqueira deste projecto que hoje está vivo, conforme mostra a memória dos cem anos da sua existência.



## II – Bibliotecas Públicas

As Bibliotecas Públicas vieram atrasadas e com forte impacto e visibilidade no contexto urbano, encontrando-se instaladas em edifícios reconstruídos ou propositadamente para tal fim, ou com valor patrimonial reconhecido adaptados para o efeito, disponibilizando gratuitamente a todos serviços tradicionais ou electrónicos muito diversificados em espaços de sociabilidade, funcionais, confortáveis e atractivos.

Hoje, as Bibliotecas Públicas garantem o acesso gratuito à cultura, à informação e ao conhecimento a todos os cidadãos, permitindo a formação ao longo da vida. Estão abertas a todos, são lugares de encontro com as pessoas de todas as gerações e de todas as origens, verdadeiros espaços igualitários de integração, o que lhes dá um valor social acrescido. Procuram desempenhar também um papel na utilização ou na apropriação das tecnologias de informação e de comunicação para todos os cidadãos, porque facilitam o livre acesso aos computadores e à internet e ajudam a combater a iliteracia tecnológica. Pormenorizando, na maioria dos casos assim acontece. As Bibliotecas Públicas têm que pôr à disposição de todos materiais, isto é, documentos de qualquer tipo de suporte sobre todo o tipo de conhecimento humano e actualizados, libertos de qualquer forma de censura e permitindo uma abordagem sobre diversos pontos de vista a qualquer tema. Estes serviços, estes materiais dão resposta aos interesses diversos e em permanente mutação das pessoas e colectividades que integram a comunidade e servem para aumentar as suas aptidões sociais e profissionais e os seus gostos culturais, as suas práticas culturais, ocupando criativamente os seus tempos livres.

Estas Bibliotecas emprestam gratuitamente, sem qualquer custo para o utilizador, documentos de qualquer género, dão apoio à auto-formação, ao ensino e à aprendizagem ao longo da vida, com recursos apropriados para criar novos horizontes educativos e mesmo a formação profissional dos cidadãos. São um espaço de intercâmbio e de informação para os cidadãos, para as administrações públicas, para as instituições privadas e para as empresas. Recolhem toda a informação sobre a localidade onde estão inseridas, constituem e organizam o Fundo Local, que é fundamental para a preservação e desenvolvimento da identidade cultural de cada comunidade. Permitem a utilização da internet e das outras tecnologias de informação e de comunicação, proporcionando formação e apoio aos que dela necessitam. Programam um variado conjunto de actividades, antigamente chamadas de animação cultural, hoje de extensão cultural, para dar a conhecer os serviços e promover a leitura, para incentivar a participação dos cidadãos em manifestações artísticas e culturais diversas. Cooperam com outras instituições locais e nacionais, ou internacionais, trabalham em rede e trabalham, em especial, com as escolas e procuram servir utilizadores com necessidades especiais através de programas específicos. Aposta na criação de equipamentos de proximidade, caso das Bibliotecas Itinerantes, polos e anexos, postos de leitura, etc., de modo a levar os seus serviços a toda a comunidade, aos locais onde as pessoas habitam. Promovem a criação e o desenvolvimento dos hábitos de leitura, em especial nas camadas mais jovens da população e, por isso, têm participação activa no Plano nacional de Leitura e cooperam com a Rede das Bibliotecas Escolares e tenta também combater as exclusões sociais, assim como as exclusões digitais. Insisto, a Biblioteca não pode renunciar ao seu carácter local, às suas raízes culturais e ao seu papel de centro social e comunitário. Como referi, a Biblioteca Pública é um elemento fundamental para a definição e a manutenção da identidade cultural da comunidade da

qual faz parte. Terá que ser sempre, indiscutivelmente, uma instituição de memória, que preserve e refira as referências culturais à comunidade a que pertence.

O edifício, a sua presença física marcante, deve ser um elemento integrador e um local de encontro da comunidade local, a casa-comum de toda a população. Por isso entendo que nunca poderá ser integralmente digital ou virtual uma Biblioteca, porque tal significaria sobreverter algumas das suas principais definições, entre elas, a sua importância no terreno. A situação ideal da Biblioteca Pública, tentará ser a da Biblioteca híbrida, porque considera-a sempre como uma referência espacial, com um equipamento de proximidade do local onde os cidadãos, todos os cidadãos, possam recorrer sempre que tal desejem e necessitem, onde possam encontrar profissionais aptos a responder às suas questões, aos seus problemas concretos, olhos nos olhos. Esta é a dimensão humana das Bibliotecas Públicas que nenhuma tecnologia pode substituir. Mas é evidente que as tecnologias de informação e de comunicação são hoje absolutamente imprescindíveis nas Bibliotecas Públicas, sob pena de atraírem o presente perante o lugar onde estão inseridas, eis o desafio que o futuro levanta. As tecnologias de informação e de comunicação melhoram os serviços tradicionais das Bibliotecas e abrem novas perspectivas, abrindo portas até aqui inexistentes, pois a leitura hoje não é só o livro impresso, as literacias do século XXI implicam saber ler em vários ecrãs, caso da participação nas redes sociais, permitindo, possibilitando, incentivando o acesso à informação e aos recursos disponíveis da internet. As Bibliotecas Públicas contribuem para um importante acrescentar aos serviços tradicionais das suas colecções, mas sempre com profissionais de informação que têm de ter uma formação adequada e que têm que ter uma actualização permanente e constante. AS Bibliotecas Públicas desempenham um papel fundamental quando garantem a igualdade de acesso à sociedade de informação e ao conhecimento, evitando que os progressos tecnológicos agravem as tendências latentes da exclusão social e, por isso, é imprescindível uma legislação sobre as Bibliotecas Públicas para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento das mesmas.

As Bibliotecas, como Teresa Calçada, são um *amor de perdição*, para toda a vida. E um País, uma cidade que não acarinha, que não cuida das suas Bibliotecas, é uma Democracia sem abrigo.



## FERNANDA RIBEIRO

Quando nós falamos em Bibliotecas Públicas em Portugal, podemos falar no passado e no presente, perante a situação em que vivemos hoje. As Bibliotecas Públicas em Portugal, e noutros países, são sem dúvida, um produto do estado liberal. Um produto pós-revolução francesa, e é com o liberalismo que se cria a ideia do serviço público mantidos pelo Estado: as Bibliotecas são públicas não no sentido em que o público possa aceder a elas, mas são públicas porque são pagas pelos dinheiros públicos. De facto, este conceito de leitura pública, que é um conceito que vem do liberalismo, e que marcou todo o século XIX e grande parte do século XX, diria que no campo português marcou todo o século XX, praticamente até aos anos oitenta (Portugal teve um atraso relativamente a outros países do desenvolvimento do estado cultural, que em França é muito marcado no pós-II guerra mundial, depois com André Malraux, com os anos 60). As Bibliotecas Públicas em Portugal, durante muito tempo, estiveram ligadas essencialmente à instrução. No século XIX em Portugal, houve uma fase a partir de 1870, com a chamada da criação das Bibliotecas Populares, mas o projecto que nós hoje dizemos de leitura pública e, sobretudo, um projecto republicano. Foi a República que investiu e assumiu esta ideia das bibliotecas públicas como um instrumento de educação do povo contra o obscurantismo, o analfabetismo, que vinah de trás e foram encaradas essencialmente desta forma. Tinha essencialmente o fim da instrução. A legislação republicana é muito avançada para a época e houve personalidades ligadas ao Ministério da Instrução da época que tinham, de facto, uma visão que podemos considerar muito avançada, para aquilo que era o papel das Bibliotecas Públicas. É evidente que Portugal sofreu depois um período mais negro em que há um retrocesso no período do Estado Novo, que não houve de houve de modo nenhum uma aposta, as Bibliotecas Públicas não eram acarinhadas, e enquanto que noutros países da Europa nós sentimos o renascer do dito Estado cultural, dessa nova visão das Bibliotecas Públicas, em Portugal tardou muito. E foi, sem dúvida, a partir de 1985, com a criação da Secretaria de Estado da Cultura, o princípio da Rede de Leitura Pública que Portugal entra nessa fase do processo do Estado cultural em que as Bibliotecas assumem o papel de instrumento de cultura, de animação, de socialização.

E depois o futuro das bibliotecas, que hoje estão não já num estado cultural, mas num estado digital, o qual é um estado diferente no qual nós nos inserimos e que as Bibliotecas têm de alguma forma de repensar o seu papel. A questão das instituições da memória, que é uma valência fundamental das Bibliotecas, o seu papel como instrumento de mediação, mas esse papel está a ter hoje ameaças reais e a principal ameaça deste modelo de Bibliotecas, tal qual o criámos e concebemos, é, desde logo, o Google, a internet, as formas novas de possibilidade de informação, os modos de leitura que hoje as novas gerações praticam. Já não faz muito sentido nós pensarmos que as novas gerações vão ler o que nós líamos. A questão da leitura dever-se-á a pôr em moldes diferentes, o nosso modelo está a entrar em crise. As Bibliotecas só agarram o futuro se assumiram os verdadeiros serviços de informação para o desenvolvimento e, como, de facto, de instrumentos que não percam também o seu lugar como factores identitários. A questão das Bibliotecas ligadas à realidade local, parece-me que continua a ser um papel que mais nenhuma entidade poderá ocupar esse espaço. Se calhar não só as Bibliotecas, se calhar também os Arquivos Municipais, se calhar todos esse serviços de informação cada vez mais hoje integrados em rede. A realidade que a internet nos proporciona, que de alguma forma nos remete para o regresso às origens, na velha

distinção entre Bibliotecas e Arquivos, enquanto repositórios de informação, onde a informação de natureza administrativa, financeira, literária, filosófica, etc., está confinada num mesmo espaço como um tesouro e servido para múltiplas funções, hoje, com as redes e com a partilha de recursos, estamos de qualquer forma a voltar um pouco a isto. A todos os níveis, mesmo ao nível da formação. Aliás, Portugal teve sempre essa virtude de ter um curso de bibliotecário-arquivista, depois, por uma questão de carreiras, separou-se, e agora estamos a ver que essa formação integrada está a ser novamente uma aposta.

Esta ideia dos serviços públicos, deste modelo liberal, os Arquivos Históricos, as Bibliotecas Públicas, os serviços e as instituições, de facto, isto é um tipo de modelo que está muito ameaçado e está muitíssimo em crise porque a realidade digital permite-nos ter outro tipo de serviços fora do físico, do institucional, e contra isso é uma batalha perdida, tentar agarrar os modelos das Bibliotecas Públicas que hoje temos. Estas só conseguirão impor-se se tiverem uma característica de serviço de informação e funcionários e bibliotecários enquanto mediadores na busca do conhecimento e da informação de qualidade que permita aos utilizadores encontrar uma informação credível, porque tem o complemento humano e não há nenhum motor de busca que substitua isto. Esta será sempre a aposta do futuro, o que obrigará a reequacionar algumas políticas e modelos, sendo a forma de continuar com as Bibliotecas Públicas.



### MANUELA BARRETO NUNES

Hoje iria falar sobre uma outra dimensão do papel das Bibliotecas Públicas, e que acho que é uma dimensão fundamental, precisamente para que elas possam ter, e vir a ter, um impacto social, que na verdade no nosso País nunca chegaram efectivamente a ter, ou têm ainda em forma reduzida, e que é o factor social das Bibliotecas Públicas, isto é, assumindo o papel cultural tradicional de Bibliotecas Públicas, o papel de apoio à educação, na perspectiva d ainclusão social, do combate à exclusão social, considerando

que elas são um agente fundamental na promoção da qualidade de vida, da cidadania e da aprendizagem ao longo da vida.

Quando se fazem inquéritos ao uso das Bibliotecas Públicas, um dos aspectos que é mais realçado pelos utilizadores, e mesmo até por aqueles que não a utilizam, o que é mais curioso, é a sua importância como local de encontro. As Bibliotecas Públicas são para as pessoas espaços agradáveis, lugares bons para se estar, são lugares de encontro; e este é um dos aspectos que melhor é caracterizado e mais referido pelas pessoas que são inquiridas sobre as Bibliotecas Públicas: elas são um lugar de encontro. São a sala de estar da comunidade, onde todos podem estar sem qualquer tipo de exclusão (caso dos sem abrigo). É algo extraordinário, deve ser um dos únicos equipamentos públicos onde isso acontece. Pode-se estar um dia inteiro numa Biblioteca Pública sem falar com ninguém, sem dizer nada a ninguém, sem que ninguém nos pergunte nada e sem termos que pagar nada. A Biblioteca é um espaço acolhedor, onde todos se podem acolher (por exemplo, vemos que nas nossas Bibliotecas estão muitos idosos, que passam lá o tempo devido às condições físicas do espaço, pode-se lá estar a ver o jornal, ou dar dois dedos de conversa, é um espaço onde se está bem), é uma casa pública, um refúgio, uma zona neutra e segura, um sítio que escolhemos para encontrarmo-nos com pessoas de outro tipo, de outro género, o que faz da Biblioteca Pública um espaço típico da alegoria dos três espaços de encontro, a saber, o primeiro lugar de encontro é a família, o segundo é a profissão e o terceiro são os espaços públicos, como os cafés, as cabeleireiras, etc. No primeiro lugar de encontro encontramo-nos com aqueles com quem crescemos e vivemos a nossa vida quotidiana, pessoal; no segundo, com aquele com quem temos afinidades profissionais, os que trabalham connosco e no terceiro com o outro, o diferente, o distinto; e a Biblioteca Pública configura também todas as características desse terceiro lugar de encontro. Não só encontrámos aí os conhecidos, mas também os desconhecidos, é um lugar para o multiculturalismo, para a aceitação da diferença onde todos estão no mesmo espaço. Quer dizer também que a Biblioteca Pública proporciona aquilo a que chamámos de locais de encontros de baixa e de alta intensidade: de baixa intensidade quando nos encontrámos com os conhecidos, com aqueles que temos afinidades, e de alta quando chocámos com aqueles que são diferentes de nós; ou seja, na sua essência, a Biblioteca Pública é também um lugar de aprendizagem da cidadania.

Isto tudo quer dizer que como lugar de encontro a Biblioteca Pública é também promotora de capital social, isto é, o espaço que promove as conexões entre as pessoas, promove a confiança social, promove a participação, a cooperação para o bem-estar comum. Contraditoriamente, a Biblioteca Pública é frequentada mais detalhadamente por pessoas que já detêm algum capital social, ou seja, detêm uma forma de relação normal com as instituições e com os outros. Ao mesmo tempo que que promovem o capital social, ela também é procurada fundamentalmente por quem já detêm esse capital social; e é um pouco essa conquista que a Biblioteca Pública tem esse desafio, para também ter mais impacto na comunidade e conseguir atingir os objectivos referidos. Porque promove os frequentadores das Bibliotecas Públicas, no caso de Portugal é evidente e nos outros países nota-se a mesma situação com sistemas mais desenvolvidos, que são a classe média, e a Biblioteca Pública pode ter a tendência para divulgar apenas uma promoção da normalidade, daquilo que já é conhecido, e muitas vezes é isso infelizmente que acontece. A Biblioteca Pública adquire para as suas colecções os livros que são os mais divulgados pelas editoras, as editoras mais poderosas e as distribuidoras mais poderosas, que facilmente chegam a quem decide sobre as aquisições, promove actividades de animação, de leitura, encontros, debates com os autores que já são conhecidos, aqueles que aparecem nas televisões e nas rádios. A Biblioteca Pública, que teoricamente, deveria procurar combater a exclusão de todos os

tipos, tem tendência para se afirmar no normativo, sendo um dos aspectos que ela deve procurar combater também, e ir para a cultura mais marginal, mais avançada, o que é menos divulgado, o que são as novas culturas, por exemplo, as juvenis, que, ao contrário do que se diz, tanto se produz e se faz (novo teatro, nova pintura, novo desenho), mas que não tem eco e as comunidades locais são o local ideal para a proximidade e se conhecer tais pessoas e dar uma diferente amplitude ao trabalho da Biblioteca Pública.

O que é que gere o capital social nas Bibliotecas Públicas? Já só as actividades básicas da Biblioteca Pública geram esse capital social, o livre acesso às estantes, o empréstimo de livros, o poder estar na Biblioteca a ler, a conversar com os amigos, a passar o tempo, isso, por si só, já é gerador de confiança das instituições e nos outros. Mas também as actividades avançadas, e aqui é que a Biblioteca no futuro, e num tempo de crise como este em que vivemos, em que há de facto um enorme desinvestimento nos serviços públicos, as Bibliotecas têm aqui um campo de acção que é extraordinariamente importante para a inclusão social. Ao nível dos desempregados e da sua formação, por exemplo, havendo inúmeros exemplos de trabalhos de proximidade, de colaboração da Biblioteca Pública com os centros de emprego, para fazer acções de formação no uso das novas tecnologias para a criação de novas competências em pessoas desempregadas de longa duração, as quais têm uma dificuldade enorme em regressar ao mercado de trabalho. Não se está só aqui a contribuir para a melhoria da qualidade de vida desses cidadãos e das suas competências, mas também para a Biblioteca adquirir novos utilizadores, porque no geral as pessoas não fazem ideia do que é que existe numa Biblioteca Pública e que as pode ajudar na vida do dia a dia. O papel da Biblioteca para ser compreendido como mediador eficaz, exige dela uma intervenção directa na comunidade e uma intervenção directa com outras instituições. Mas também, por exemplo, as Bibliotecas Itinerantes que vão levar aos locais mais recônditos, masi afastados, contactar pessoas com menos possibilidades de aceder à informação, em que o domínio do tecnológico muitas vezes não existe, até porque em muitos sítios é difícil aceder à internet, não é fácil, e a Biblioteca Itinerante tem aqui um papel que é também gerador de capital social. Noutros países, por exemplo, a questão das línguas indígenas que não é o nosso caso, mas na promoção das tradições da comunidade e do Fundo Local, com um trabalho que é gerador de cidadania, de identidade e de coesão social.

Agora, o desenvolvimento destes tipos de actividades de cariz social deve ser desenvolvido a partir de um estudo para se antever as necessidades das comunidades, das suas características e da colaboração com outras instituições, caso das Bibliotecas Escolares, que é uma forma de fazer um trabalho social de alcance que a Biblioteca Pública sozinha não consegue, porque as Bibliotecas Escolares têm uma proximidade às escolas, às comunidades locais, aos pais, aos agentes locais que intervêm nas escolas e este trabalho de cariz social pode ser amplamente dimensionado se a colaboração entre os dois tipos de Bibliotecas também for neste sentido.

Depois, o que tem trazido também novos utilizadores para a Biblioteca é o facto de ela ser, enquanto lugar de encontro, um lugar de meta-encontro, porque a partir da Biblioteca usam-se as redes sociais de comunicação virtual, que trazem jovens utilizadores, que não vêm à Biblioteca com fins puramente utilitários, mas que vêm para conviver, encontrar outros que não estão fisicamente. Este papel ainda é pouco desenvolvido pelas Bibliotecas Públicas em Portugal e é uma área de investimento absolutamente essencial.

Concluindo, a ideia de uma Biblioteca Pública que garante uma distribuição democrática da informação e do conhecimento, numa luta contra a desigualdade, num

alerta dos grupos sociais mais desfavoráveis, contra as barreiras da exclusão social, esta será uma das linhas de acção das Bibliotecas para o futuro.

